

## TELAS DE UM DISCURSO: A CONSTRUÇÃO DAS MULHERES NO CAMPO DO TRABALHO POR INTERMÉDIO DO FILME *BOI NEON*

### SCREENS OF A SPEECH: THE CONSTRUCTION OF WOMEN IN THE FIELD OF WORK THROUGH THE FILM *BOI NEON*

Daniilo Leite MOREIRA\*

**Resumo:** A segregação ocupacional construída entorno da divisão sexual do trabalho, na França, no século XVIII, interfere nas oportunidades de emprego para a mulheres no mercado de trabalho até hoje, no caso do Brasil não é diferente. Apesar do discurso estabelecido sobre a divisão sexual do trabalho nos espaços públicos ser predominantemente masculino e nos espaços privados, feminino, destacamos que as mulheres sempre se fizeram presente nos espaços públicos, ao executar as mais diversas funções. Dessa forma, o presente artigo, tem por objetivo perceber como as tecnologias de gênero, tem visibilizado e influenciado as mulheres a transgredir e a ocupar profissões outrora outorgadas, historicamente e socialmente, aos homens, como é o caso do filme *Boi Neon*.

**Palavras-chave:** Mulheres; Cinema; Trabalho; Transgressão.

**Abstract:** The occupational segregation built around the sexual division of labor, in France, in the 18<sup>th</sup> century, interferes with employment opportunities for women in the labor market until today and, in Brazil, it isn't different. Although the discourse established about the sexual division of labor in public spaces is predominantly male and in private spaces, female, we highlight that women have always been present in public spaces, performing the most diverse functions. So, this article aims to understand how gender technologies have made visible and influenced women to transgress and occupy professions once historically and socially granted to men, as it is the case of the movie *Boi Neon*.

**Keywords:** Women; Movie theater; Work; Transgression.

#### Introdução

“Esse lugar não é para mulher!”. É muito comum que ao longo da vida, mulheres de diversas faixas etárias escutem esse tipo de fala ao enquadrá-las naquilo que seja um “lugar específico para elas”. Desde a antiguidade até os dias atuais, sempre houve um grande esforço na busca de enquadrar “o lugar da mulher” e o seu comportamento, por meio de regras. Essa demarcação imposta sobre o corpo feminino ao longo do tempo teve por finalidade definir o modelo “ideal de mulher”. Para a historiadora Carla Bassanezi Pinsky:

Mulher é assunto. Todos falam dela – como é, como deveria ser – e são muitas as representações que envolvem a figura feminina em todas as épocas. Dentre

---

\* Mestre em História pela Universidade Federal da Grande Dourados (PPGH/UFGD) - Doutorando - em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados. (PPGH/UFGD). Bolsista CAPES. E-mail: [daniiloleitemoreira@hotmail.com](mailto:daniiloleitemoreira@hotmail.com).

elas, há as dominantes, tomadas como modelo de referência, identificáveis com maior clareza em cada período. Algumas persistem no tempo, enquanto outras envelhecem ao ponto de provocar riso, estranhamento ou não serem sequer reconhecidas pelas novas gerações (PINSKY, 2016, p. 470).

Embora as representações impostas sobre o corpo feminino pareçam permanentes, cabe destacar que elas não são, já que são modificadas através do tempo. Não podemos mais categorizar que os “trabalhos de mulher”, do início do século XX, sejam os mesmos dos dias de hoje. Antes, as mulheres em grande maioria exerciam as mesmas funções dos cuidados com o lar. Hoje, muitas delas, além do trabalho no lar, também ocupam os mais variados setores do mercado de trabalho.

Divisão sexual do trabalho, construída em torno do sexo masculino e feminino, transformou-se em uma divisão “natural”, própria à biologia de cada sexo. Essas divisões limitam a participação das atividades femininas além do lar, ao fazer com que as mulheres continuem ainda presas nos “guetos” do lar. A história do trabalho feminino é marcada pela segregação ocupacional, fator que leva parte das mulheres a se concentrar em um pequeno número de ocupações. Corroborando com esse argumento, Maria Bruschini e Fúlvia Rosemberg, afirmam que:

[...] No Brasil, além de intenso, esse fenômeno tem-se acentuado, provocando uma verdadeira “sexualização das ocupações” [...] [Assim], O incremento na segregação ocupacional reflete o pequeno número de oportunidades de emprego que ainda se apresentam para a mulher no mercado de trabalho (BRUSCHINI; ROSEMBERG, 1982, p.15-16).

Assim, ao pensar nesses fatores, o presente artigo, tem por objetivo perceber como as tecnologias de gênero, tem visibilizado e influenciado as mulheres a transgredir e a ocupar profissões outrora outorgadas, historicamente e socialmente, aos homens, como é no caso do filme *Boi Neon* (2015), além de mostrar como a construção histórica imposta sobre a divisão sexual do trabalho se reflete até os dias de atuais.

### *DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO E O TRABALHO FEMININO*

Escrito pelo diretor pernambucano Gabriel Mascaro, *Boi Neon* (2015) tem sido considerado um dos melhores filmes de arte brasileiro dos últimos tempos, visto que o diretor lança um olhar para as múltiplas representações que compõe as sexualidades brasileiras.

O filme traz a história de Iremar (Juliano Cazarré), um vaqueiro que transporta bois para vaquejada, mas que sonha em ser um grande estilista. Embora a sinopse traz a história de Iramar,

não são as cenas dele que chamam a atenção, mas sim as cenas da Galega (Maeve Jinkings), sua colega de trabalho, uma caminhoneira, que cria a filha dentro do caminhão. *Boi Neon* é um desses filmes que ajuda a ressignificar e desconstruir as representações impostas sobre a divisão sexual do trabalho, além de pensar outras representações sobre os corpos femininos e masculinos. Antes de avançar, se faz necessário contextualizar como foi construída historicamente essa divisão.

Somos historicamente regidos pela divisão social dos papéis atribuídos a homens e mulheres. Essa divisão está acompanhada por discurso criado pela sociedade ocidental, de dominação social do masculino sobre o feminino. A historiadora Ana Maria Colling, afirma que:

A concepção de feminino e masculino, o que é ser mulher e ser homem na sociedade, é decorrente de variados discursos normatizadores que delimitam as práticas sociais. As delimitações pretensamente científicas, que insistiam na inferioridade e subordinação das mulheres, converteram-se em tradições e atravessaram os tempos. O discurso da diferença biológica, e como decorrência, a hierarquia entre os sexos inaugurada pelos gregos assumem um caráter universal e exercem influência decisiva, tanto na vida cotidiana como na elaboração das constituições e códigos ocidentais (COLLING, 2014, p. 103).

Esses discursos, durante muitos anos, idealizaram a mulher e não permitiram que elas ocupassem determinados espaços sociais, como o espaço público. O filósofo Gilles Lipovetsky, em sua obra *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*, destaca como o sujeito-mulher foi sendo engendrado ao longo dos séculos. O autor dividiu essa construção em três partes. Cita que:

[...] tanto a primeira como a segunda mulher estavam subordinadas ao homem; a terceira mulher é sujeita de si mesma. A segunda mulher era uma criação ideal dos homens, a terceira mulher é uma autocriação feminina (LIPOVETSKY, 2000, p. 237).

A subordinação das mulheres ao espaço privado se deve aos discursos heteronormativos, impostos sobre os corpos femininos, que durante muito tempo, limitavam as mulheres aos espaços domésticos. As atividades desenvolvidas no espaço privado, tais como, os cuidados do lar, foram praticamente ocultadas, por não serem realizadas nos espaços públicos e não serem vistas durante muito tempo, essas atividades do âmbito doméstico, eram tidas como atividades sem “importância”. Para seguir discutindo essa ocultação do trabalho feminino, devemos entender o conceito de “Divisão sexual do Trabalho”, para podermos avançar nas discussões de mulher e trabalho.

Para a socióloga Danièle Kergoat, autora do verbete “Divisão sexual do Trabalho e relações de sexo” no *Dicionário crítico do feminismo*, o termo “Divisão sexual do Trabalho”, foi utilizado primeiramente pelos etnógrafos para designar uma repartição “complementar” das tarefas entre homens e mulheres na sociedade. Porém, as antropólogas feministas mostraram que a divisão do trabalho não trazia uma relação de “complementaridade”, mas sim uma relação de poder dos homens sobre as mulheres. Desde então, esse termo passou a ser usado em outras disciplinas, como a História e a Sociologia, como um conceito analítico. Para Kergoat:

No sentido oposto a teorização em termos de divisão sexual do trabalho afirma que as práticas sexuadas são construções sociais, elas mesma resultado de relações sociais [...]. Portanto, não mais que as outras formas de divisão do trabalho, a divisão sexual do trabalho não é um dado rígido e imutável. Se seus princípios organizadores permanecem os mesmos, suas modalidades variam no tempo e no espaço (KERGOAT, 2009, p. 68)

As mulheres exerceram tarefas tanto no âmbito privado, quanto no espaço público, mesmo assim tiveram suas atuações profissionais privadas e/ou até mesmo negadas pela sociedade. Embora, hoje, as mulheres estão a ganhar a esfera pública. Ainda se faz necessário problematizar a divisão sexual do trabalho para estudar as mudanças e as permanências, assim como a emergência de novas configurações que tendem a questionar a própria existência dessa divisão, uma vez que, nem sempre as mulheres ocupavam somente o espaço privado.

Discutir o conceito de divisão sexual do trabalho nos leva a discutir o conceito de público e privado, já que a divisão sexual se acentua ainda mais com essa construção. De acordo com a historiadora francesa Michelle Perrot, a construção em torno do público e privado se estabelece justamente no século XVIII, no período da Revolução Francesa: “Num prazo mais longo, a revolução acentua a definição das esferas pública e privada, valoriza a família, diferencia os papéis sexuais estabelecendo uma oposição entre homens políticos e mulheres domésticas” (PERROT, 1991, p.117). Apesar da divisão sexual do trabalho ter se acentuado no período da Revolução Francesa, é preciso destacar que:

Na primeira metade do século XIX, elas participavam na administração dos negócios, faziam contabilidade da empresa, preferiam que o dinheiro fosse investido na indústria, não na compra de vestidos de seda [...]. Por volta dos anos de 1850-1860, a maioria das mulheres se retira da esfera econômica para se isolar em casa. (PERROT, 1991, p.142).

A construção imposta por meio dos discursos religiosos e difundidos pelas classes burguesas e machistas, influenciaram fortemente as mulheres da classe média. Assim, com os avanços impostos por esses discursos, fez com que o destino biológico das mulheres passasse

para o destino social. As fronteiras construídas, no século XVIII, fez com que as mulheres, principalmente da classe alta e média, passassem a ficar responsáveis pelos cuidados do lar, nesse caso, o espaço privado. Já os homens dos estratos sociais mais elevados, eram os que trabalhavam e ocupavam o espaço público, para manter o espaço privado sem que a mulher precisa sair ou abandonar o lar para trabalhar fora. Embora nas camadas superiores as mulheres estivessem confinadas ao espaço do lar, “nas camadas populares, as mulheres estavam mais relacionadas ao exterior do que ao interior da casa” (LIPOVETSKY, 2000, p. 207).

É perceptível que essa construção ideológica do espaço público e privado permeia os discursos, bem como as representações posta sobre as mulheres até os dias de atuais, uma vez que, ainda pensar o termo “trabalho feminino” é muitas vezes pensar a mulher em funções domésticas, aos cuidados da família e da casa. Hoje, a historiografia tem nos permitido desconstruir essas representações acerca do trabalho feminino, visto que, refletir as mulheres no trabalho, é se atentar em uma história marcada por lutas e conquistas. Embora inúmeras barreiras foram postas para que as mulheres não ocupassem determinados espaços. Para a historiadora Margareth Rago:

As barreiras enfrentadas pelas mulheres para participar do mundo dos negócios eram sempre muito grandes, independente da classe social a que pertencessem. Da variação salarial à intimidação física, da desqualificação intelectual ao assédio sexual, elas tiveram sempre de lutar contra inúmeros obstáculos para ingressar em um campo definido – pelos homens – como “naturalmente masculino”. Esses obstáculos não se limitavam ao processo de produção; começavam pela própria hostilidade com que o trabalho feminino fora do lar era tratado no interior da família. (RAGO, 2015, p. 581-582).

Os estudos de gênero, tem visibilizado as mulheres, principalmente no que tange o “trabalho de feminino”. Através das estatísticas levantadas nesses estudos, foi possível perceber que nas últimas décadas as mulheres romperam e ainda rompem inúmeras barreiras para ocuparem e se fazerem presentes em outros espaços. Além dos lares e das cozinhas, elas trabalharam e trabalham nos campos, nas ruas, nas fábricas, nos comércios e deixam suas histórias registradas em diversos setores econômicos do país.

No Brasil do século XIX, com a expansão do setor industrial em crescimento, é possível encontrar “um grande número de mulheres trabalhava nas indústrias de fiação e tecelagem, que possuíam escassa mecanização; elas estavam ausentes dos setores como metalurgia, calçados e mobiliário, ocupado pelos homens” (RAGO, 2015, p.580). É perceptível em algumas pesquisas, que embora as mulheres estivessem presentes em alguns espaços, nem todos os setores ainda eram destinados a elas.

No cenário nacional, com o crescimento da população urbana, observa-se uma presença significativa de mulheres nas atividades comerciais e de abastecimentos, visto que elas atuavam como ambulantes, na comercialização de diversos produtos e exerciam inúmeras atividades domésticas que iam dos típicos trabalhos domiciliar, como cozinhar e lavar roupa, aos chamados trabalhos “de agulha”, na produção de diversas peças de roupas. Embora hoje exista a expressão “roupa suja se lava em casa”, antes desse ditado popular surgir, era muito comum encontrar um número de mulheres lavando roupas em lugares públicos, como rios e chafarizes. É visível que: “Assim muitas mulheres produziram no mercado de trabalho suas ocupações nos quadros domésticos- como lavar, passar e engomar – Num esforço de ganho extra ou mesmo sustentar a família” (BORELLI; MATOS, 2016, p. 131).

Podemos perceber que no século XIX, a industrialização impulsionou a extensão do trabalho feminino. Esse fator fez com que na primeira metade do século XX possuísse um grande número ativo de mulheres em diversos setores. Porém, após o fim da Primeira Guerra Mundial, a busca de voltar às mulheres para dentro dos lares ganhou força com o discurso que: “O lugar da mulher não é na oficina ou na fábrica, mas no lar no interior da família” (LIPOVETSKY, 2000, p. 210). Conforme esse discurso foi difundido e junto a outros fatores foi possível perceber que:

Em 1920 e 1940, ocorreu uma diminuição da presença feminina no universo fabril, devido a conjunção de fatores: as transformações no processo de industrialização (desenvolvimento de setores tradicionalmente masculinos como o metalúrgico, o siderúrgico e o mecânico e adoção de novos métodos de organização do trabalho) somadas às ações públicas, médicas e do movimento operário) contra o trabalho feminino e a legislação protetora deste (MATOS; BORELLI, 2016, p. 134).

Embora esses fatores fizessem com que houvesse uma diminuição das mulheres em alguns setores, elas ainda permaneciam na atuação e ocupação de outros setores. Passaram a ocupar cargos de secretarias, telefonistas, telegrafista, balconistas e contadoras, sempre com atuação em cargos de menor *status*. Essas profissões demandavam qualificações profissionais e aos poucos as mulheres iam adquirindo tal qualificação.

A história do trabalho feminino é uma história marcada por lutas, resistências e conquistas construídas ao longo de anos. As primeiras conquistas começaram aparecer quando surgiram leis que beneficiaram as mulheres: “como a da proteção do trabalho da mulher” da CLT (1943). Porém, foi:

A partir da década de 1960, novas leis foram criadas no sentido de coibir as diferenças por motivo de sexo com relação a salários, critérios de admissão,

exercício das funções e promoção de carreira [...] (MATOS; BORELLI, 2016, p.142).

Nesse momento, se assistia, no Brasil, massivamente a entrada da mulher no mercado de trabalho. Essa entrada da mão-de-obra feminina ocorreu devido a diversos fatores, tais como: a crise econômica que atingiu o Brasil no início da década de 1960; já na década de 1970, com o período do denominado de “milagre econômico”, que consolidou a industrialização no país e fez aumentar a demanda de pessoas nas indústrias; e o processo inflacionário na década de 1980 e início 1990, que contribuiu para que houvesse um grande aumento com a contratação de mulheres. Porém, foi somente nas décadas seguintes que:

[...] a participação feminina teve seu aumento de arranque nos anos 1990, com o grande aumento de mulheres formadas e, conseqüentemente, a obtenção de cargos em empresas, na magistratura e no Ministério Público, além da crescente atuação como profissional liberal (MATOS; BORELLI, 2016, p.145).

Inúmeros fatores fizeram com que nas últimas cinco décadas as mulheres ganhassem espaços na sociedade. Aquela mulher projetada para ser a rainha do lar, já não era mais um sonho dessa nova mulher que emergia, mas sim um pesadelo. A partir da década de 1960, a mulher passava a recusar a identidade constituída exclusivamente a funções de mãe e esposa, e buscava construir uma nova representação sobre sua condição de mulher, assim:

Recusando ser destinadas exclusivamente às tarefas naturais da reprodução, as mulheres reivindicam agora, pelo menos tendencialmente, os mesmos empregos os mesmos salários que os homens e querem ser julgadas a partir dos mesmos critérios objetivos de competência e de mérito adotados para os homens. Por meio da nova cultura do trabalho, as mulheres exprimem a vontade de conquistar uma identidade profissional plena e, mais amplamente, o desejo de ser reconhecidas a partir do que *fazem* e não mais do que são “por natureza”, como mulheres [...] (LIPOVETSKY, 2000, p. 223-224)

O que havia sido imposto à mulher pela ordem machista e burguesa durante séculos, nas últimas cinco décadas, está se rompendo, já que atualmente, a mulher derruba aquelas barreiras impostas a elas. Essas passaram a escrever suas próprias histórias, a ocupar profissões outrora denominadas aos homens, a ocupar cargos de chefias, ainda que expressivamente em quantidade menor se comparado aos homens. Esse novo modelo de mulher que havia surgido será denominado por Lipovetsky de terceira mulher, ou a mulher indeterminada. Embora,

[...] a variável sexo continua, evidentemente, a orientar as existências, a fabricar diferenças de sensibilidade, de itinerários e de aspirações. O novo não reside no advento de um universo unissex, mas uma sociedade “aberta” em que as normas sendo plurais e seletivas, são acompanhadas de estratégia heterogêneas de margens de liberdade e indeterminação. Ali onde as

determinações eram mecanicistas, há lugar agora para escolhas e arbitragem individual (LIPOVETSKY, 2000, p. 239).

### *A INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA DE GÊNERO NA CONSTRUÇÃO DA TERCEIRA MULHER*

Deve-se destacar que boa parte das mulheres da classe alta tenha vivenciado os espaços privados. Para que fosse construído esse modelo de mulher rainha do lar, diversos mecanismos, tais como, manuais do comportamento, literaturas e filmes foram e ainda continuam a serem utilizados para representar esse modelo de mulher.

Embora as representações elaboradas pela divisão sexual do trabalho ainda se fazem presente nas últimas décadas, as mulheres vêm ganhando espaço no mercado de trabalho: mas o que projeta essa nova mulher na sociedade? Assim, como outrora, esses mecanismos foram responsáveis por construir a rainha do lar, hoje não é diferente, logo que diversos mecanismos, tais como a literatura e a grande produção cinematográfica são responsáveis pela construção dessa nova mulher independente e dona de si mesma. Visto que: “Por toda parte se manifesta a vontade feminina de afirmar-se como protagonista de sua própria vida. No investimento feminino do trabalho há muito mais um desejo de escapar ao “gueto” doméstico, há nova exigência de afirmar uma identidade de sujeito” (LIPOVETSKY, 2000, p. 222).

O cinema é um desses mecanismos, uma vez que: “[...] ao mesmo tempo em que são entretenimento, os filmes desenvolvem uma pedagogia, ensinam modos de ser e de viver. Sendo produtos da cultura, as produções cinematográficas produzem sujeitos e identidades” (AZEVEDO, 2015, p. 105).

Para a historiadora norte-americana Teresa Lauretis, um lugar possível para que possamos ver/perceber onde a Tecnologia de Gênero ocorre como uma ideologia, é a ciência. A autora busca perceber o sujeito feminino, não apenas como Mulher, com letra maiúscula, mas sim perceber as representações inerentes a todas as mulheres que são definidas pelas Tecnologias de gênero e produzidas nas relações sociais. Para a autora:

O sujeito do feminismo que tenho em mente não é assim definido: é um sujeito cuja definição ou a concepção se encontra em andamento, neste e em outros textos críticos feministas: e, insistindo neste ponto mais uma vez, o sujeito do feminismo, como o sujeito de Althusser, é uma construção teórica (uma forma de conceitualizar de entender certos processos e não as mulheres) (LAURETIS, 1987, p. 217).

Na busca de entender como se dá a construção das representações das mulheres, De Lauretis destaca o conceito de *interpelação* usado por Althusser para justificar como é realizado

esse processo em que a representação é aceita e absorvida por uma pessoa. É com base no conceito de Tecnologia Sexual, abordado na obra *História da Sexualidade*, de Michael Foucault, que a autora encontra alguns elementos para mostrar como é essa construção, uma vez que:

Ele define como um conjunto de “técnicas para maximizar a vida”, criadas e desenvolvidas pela burguesia a partir do final do século XVIII para assegurar a sobrevivência da classe e a constituição da hegemonia. Tais técnicas envolviam a elaboração de discursos (classificação, mensuração, avaliação etc.) sobre quatro “figuras” ou objetos privilegiados do conhecimento: sexualização das crianças e do corpo feminino, o controle da procriação e a psiquiatrização do comportamento sexual anômalo com perversão (LAURETIS, 1987, p.220).

Esses mecanismos que serão denominados de tecnologias sexuais para Foucault foram construídos, disseminados e difundidos por diversas instituições, pelas ciências, pelo estado e pela família. Esses foram responsáveis pela construção da sexualização do corpo feminino. Embora tenha sido a partir de Foucault que inúmeros estudos começaram a ser feitos sobre as mulheres, De Lauretis afirma que:

Já algum tempo antes da publicação do volume I da *História da sexualidade na França* [...] teóricas feministas na área do cinema vinham escrevendo sobre a sexualização das estrelas do cinema em filmes narrativos e analisando as técnicas de cinematográficas (iluminação, enquadramento, edição etc) e os códigos cinemáticos específicos (por exemplo, maneira de olhar) que constroem a mulher como imagem, como objeto do olhar voyeurista do espectador; e vinham desenvolvendo não só a descrição, mas também uma crítica psicossocial, estético e filosófico, subjacentes à representação do corpo feminino como *locus* primário da sexualidade e do prazer visual. ... Não há quase dúvida, de que o cinema - o aparelho cinematográfico - é uma tecnologia de gênero. (LAURETIS, 1987, p.221).

É perceptível que a teoria do aparelho cinematográfico exerceu e exerce forte influência no modo como a representação de gênero se constrói, principalmente nos últimos tempos, bem como é possível perceber como a produção cinematográfica é absorvida pelos seus consumidores, já que dita moda e costumes. Assim, De Lauretis destaca a importância do seu trabalho por produzir um conhecimento acerca do cinema e sua influência sobre a construção do gênero feminino por meio das tecnologias de gênero. A autora busca encontrar elementos de como são engendradas as mulheres, uma vez que, para ela:

A construção do gênero ocorre hoje através das várias tecnologias de gênero (p. ex. o cinema) e discursos institucionais (p. ex., a teoria) com poder de

controlar o campo do significado social e assim produzir, promover e implantar as representações de gênero (LAURETIS, 1987, p.228).

O cinema, desde seu surgimento, teve um papel essencial na construção social, os personagens representados em cada época ditaram moda e padrões sociais. Deve-se destacar que o cinema surgiu no final do século XIX, com a finalidade de entretenimento para as classes populares. Porém, foi por volta do início do século XX, nos Estados Unidos, que o cinema passou a “adquirir status de produtor da indústria cultural” essa ascensão na produção cinematográfica nos EUA, fez surgir as primeiras práticas de autocensura, visto que:

[...] o capitalismo crescente e as ideologias protestantes, predominando na América, precisava cultivar suas práticas. O cinema apresentava-se como um veículo de inscrição civilizatória muito apropriado, pois permitia agregar entretenimento, pedagogia e informação” (DE CARLI, 2009, p.57).

Hoje, o cinema surge em um contexto de grandes transformações sociais. Assim, na busca de pensar essa nova sociedade, a literatura e a cinematografia vêm transgredindo com os padrões heteronormativos, ao ocupar um importante papel na crítica social. Hoje, “[...] os personagens fictícios do cinema não são muito diferentes dos personagens reais e das situações históricas. Há certo eco, uma permeabilidade a considerar” (DE CARLI, 2009, p.60).

A produção cinematográfica exerce forte influência no sistema de significação da construção de gênero. Para ilustrar, descrevo uma cena do filme *Boi Neon*, de Gabriel Mascaro, com o intuito demonstrar como o cinema pode influenciar e ressignificar os espaços das mulheres e de homens no mercado de trabalho. Inúmeras mulheres que transgrediram socialmente tiveram suas histórias contadas através das telas do cinema. Além disso, esses filmes influenciaram outras mulheres a lutarem e a conquistarem espaços outrora não vivenciados ou ocupados por elas. Esses filmes:

[...] são histórias que dialogam com a vida real, representam emoções humanas, criam associações perturbadoras, identificações, catarses penetram no imaginário, nos desejos não realizados, nas culpas sofridas, nos conflitos com a moral vigente, enfim desempenharam papel decisivo como crítica social. (DE CARLI, 2009, p.63).

Muito mais que a literatura, o cinema exerce forte inspiração na vida das pessoas, visto que, o cinema influenciou e ainda influencia nas relações sociais. Assim, na busca de romper com os padrões impostos pela sociedade heteronormativa, “os filmes pensam em transgredir passar por cima de relações convencionais, sacudir as normas que organizam a sociedade, mudar mais rapidamente que os meios tradicionais” (DE CARLI, 2009, p.63).

Com a intensão de categorizar o corpo feminino construído na cinematografia, De Carli assistiu a mais de 60 filmes produzidos no período de 1930 a 2005. A intensão foi de analisar e mapear esses filmes para compreender quais... “os costumes permanecem e quais mudaram com o advento da contra cultura; quais vêm mudando no compasso acelerado da comunicação e das tecnologias” (DE CARLI, 2009, p. 77). O filme *Boi Neon*, de Gabriel Mascaro, de 2016, ajuda a ressignificar acerca do gênero, como veremos adiante. O filme em questão se enquadra na categoria que De Carli denominará de “Corpo emergente<sup>1</sup>”.

Uma das cenas que mais desperta a atenção no filme é que com aproximadamente 12 minutos transcorridos, aparece um caminhão boiadeiro, *Mercedes Bens* amarelo 1313 (modelo do caminhão), onde uma voz feminina pergunta, de dentro do caminhão, o itinerário de um determinado lugar. Logo após, aparece Galega, uma mulher loira, que conduz o caminhão e leva na carroceria seus colegas de trabalho e os bois. Após o fechamento da cena, vemos a mulher ainda na cabine e um vendedor de calcinha do lado de fora negociando calcinhas com a caminhoneira. Nesta mesma cena, Cacá (Alyne Santana), filha de Galega, está na cabine e pede para que a sua mãe compre uma bota de couro para ela. A caminhoneira diz que só vai comprar algo quando ela voltar a estudar e morar com a sua avó. Assim, a menina chama a mãe de “puta”. A mãe chama a atenção e pede para que ela a respeite, já que ela é quem cria e quem lhe dá de comer.

Podemos perceber que o filme *Boi Neon* é um desses filmes que nos ajudam a ressignificar gênero e os papéis ocupados por homens e mulheres no mercado de trabalho. A personagem Galega é uma dessas mulheres que transgride e rompe com tudo que foi posto para a sua condição de mulher. Ela não ficou refém dos padrões impostos pela sociedade, visto que Galega cria sua filha na cabine do caminhão, vive sua liberdade profissional como caminhoneira e é dona do seu próprio dinheiro. Desta forma, filmes como esse nos ajudam a pensar na importância que o cinema exerce na vida cotidiana e na construção dessas novas identidades, visto que:

[...] a partir do movimento da tela, o cinema como artefato da cultura, vai produzindo, ressignificando e visibilizando representações e significados das práticas sociais e, assim constituindo sujeitos e identidades. Desse modo, é preciso pensar nas narrativas e nos discursos que a linguagem cinematográfica tem produzido a respeito das concepções de gênero na contemporaneidade. (AZEVEDO, 2015, p. 106).

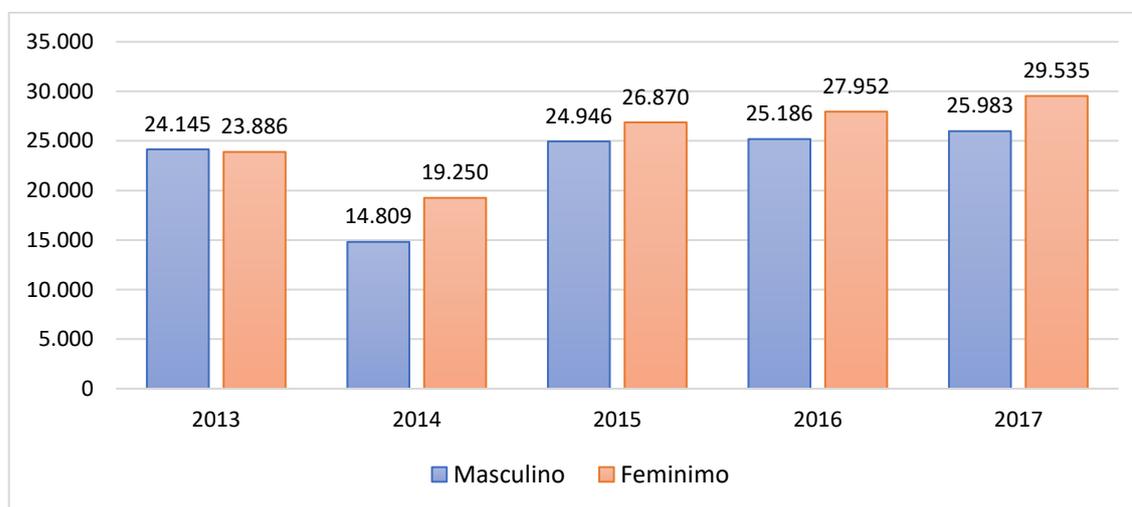
Os veículos automotivos sempre estiveram ligados ao *métier* masculino, deste modo era muito comum irmos ao cinema e encontrarmos homens no volante e as mulheres no banco do

passageiro. Nos dias de hoje, é comum irmos ao cinema e encontrarmos nos filmes mulheres que não ocupam mais o banco do passageiro, mas sim dirigem seus próprios veículos. Portanto, aos poucos a autonomia das mulheres perante o volante, tanto na produção cinematográfica quanto na vida cotidiana foi se naturalizando. Essas conquistas ocorreram, uma vez que:

Muitas mulheres, trabalhadoras e, especialmente, as feministas, têm lutado nas últimas três décadas pela construção de uma esfera pública democrática. Elas querem afirmar a questão feminina e assegurar a conquistas dos direitos que se referem à condição da mulher. Por isso mesmo, é importante que possamos estabelecer as pontes que ligam as experiências da história recente com as do passado, acreditando que nos acercamos de um porto seguro e nos fortalecemos para enfrentar os inúmeros problemas do presente (RAGO, 2015, p. 604).

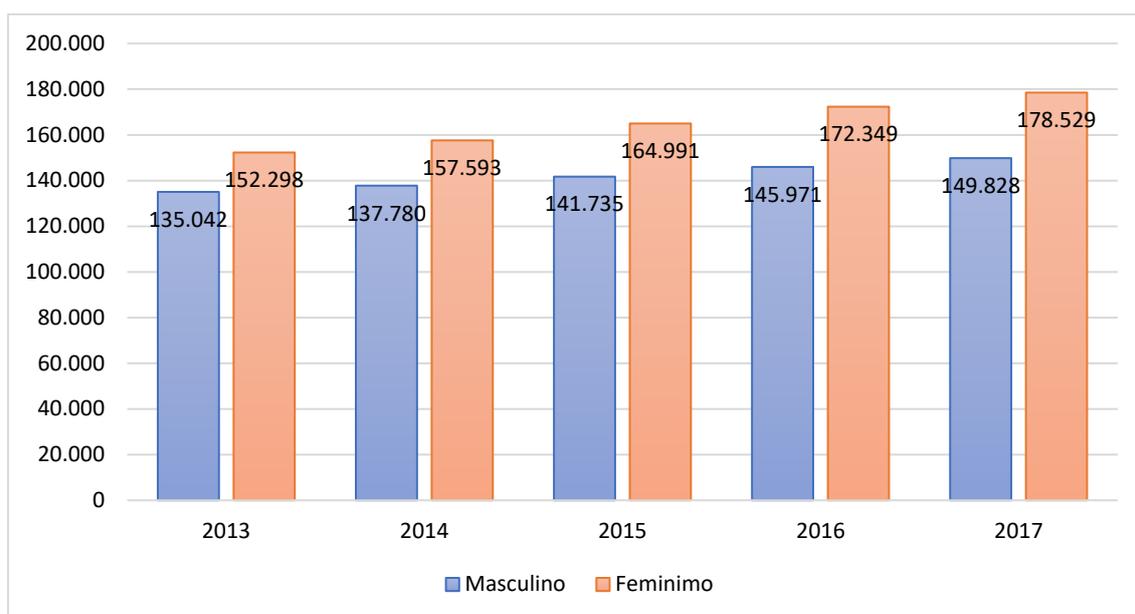
Embora hoje seja comum encontrar um número expressivo de mulheres por trás dos volantes, este espaço, enquanto categoria profissional, é ainda destinado ao público masculino. Ao fazer um levantamento do número de Carteira Nacional de Habilitação (CNH), emitida pelo Departamento Estadual de Trânsito de Mato Grosso do Sul (DETRAN-MS), com relação a homens e mulheres, nos últimos cinco anos, pode-se perceber que com relação à primeira habilitação o número de mulheres que tirando CNH categoria “A e B” é maior do que o número de condutores homens, como mostra os gráficos abaixo:

**Gráfico 1- Número de CNH categoria "A" expedida pelo DETRAN-MS**



Fonte: Informações fornecidas pelo Departamento Estadual de Trânsito de Mato Grosso do Sul (DETRAN-MS)

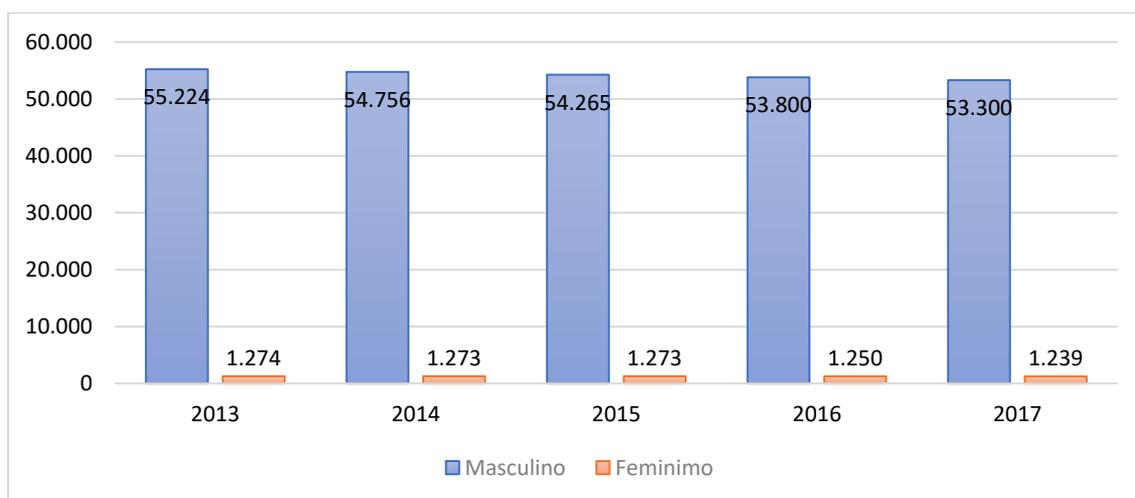
**Gráfico 2- Número de CNH categoria "B" expedida pelo DETRAN-MS**



Fonte: Informações fornecidas pelo Departamento Estadual de Trânsito de Mato Grosso do Sul (DETRAN-MS)

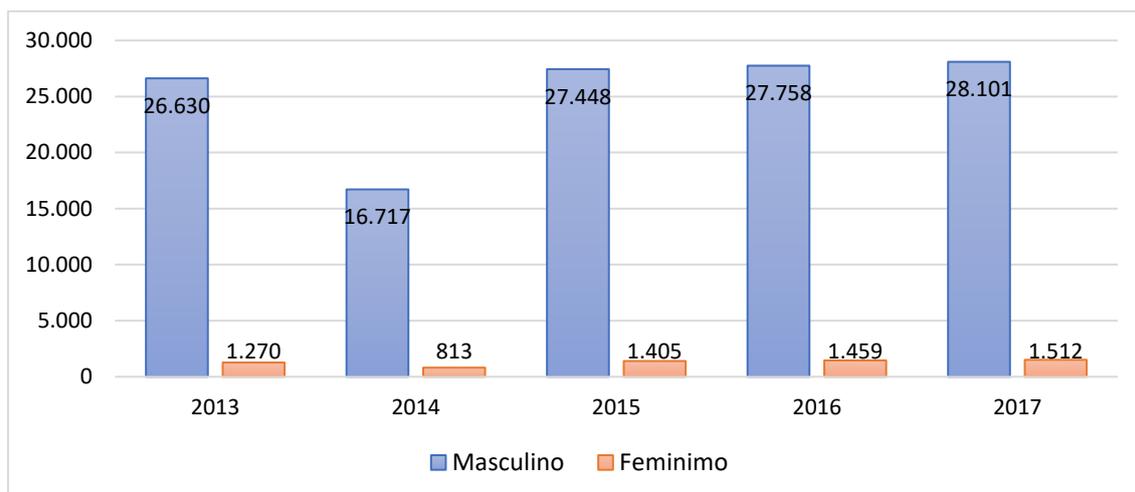
Mesmo que o número de mulheres que tiram a primeira habilitação, principalmente para poder dirigir moto e/ou carro é igual ou superior ao número de homens, é nítido que a busca pela CNH ainda esteja relacionado às obrigações domésticas, tais como levar os filhos na escola, fazer compras, pagar contas, no qual, contribui para que seja naturalizado que as mulheres dirijam. É possível afirmar que o número de homens tirando CNH categoria "C, D e E" é superior ao número de condutoras mulheres.

**Gráfico 3- Número de CNH categoria "C" expedida pelo DETRAN-MS**



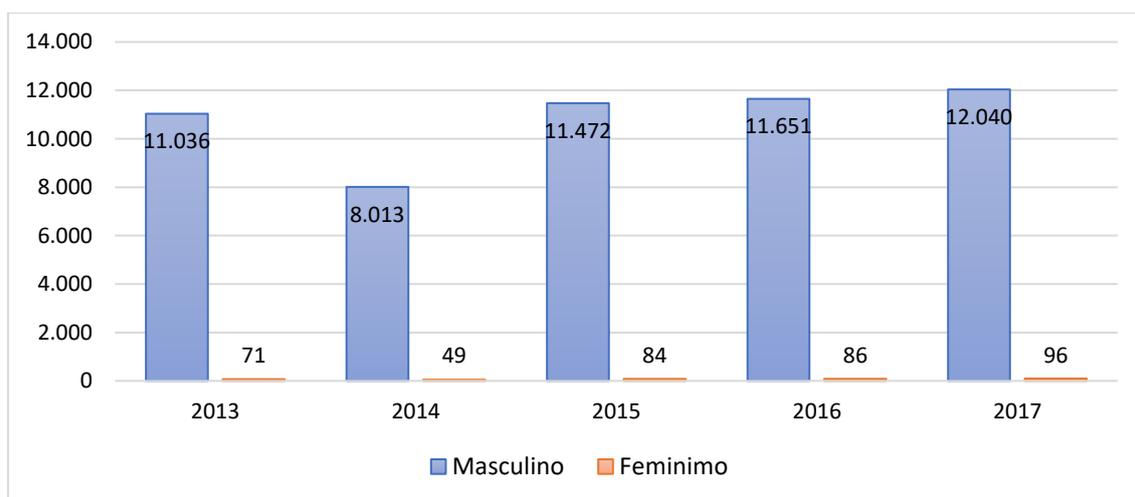
Fonte: Informações fornecidas pelo Departamento Estadual de Trânsito de Mato Grosso do Sul (DETRAN-MS)

**Gráfico 4- Número de CNH categoria "D" expedida pelo DETRAN-MS**



Fonte: Informações fornecidas pelo Departamento Estadual de Trânsito de Mato Grosso do Sul (DETRAN-MS)

**Gráfico 5- Número de CNH categoria "E" expedida pelo DETRAN-MS**



Fonte: Informações fornecidas pelo Departamento Estadual de Trânsito de Mato Grosso do Sul (DETRAN-MS)

Com os dados, podemos perceber que o número de homens que conduzem veículos de grandes portes, tais como caminhões, ônibus e carretas, ainda é superior que o número de mulheres. O número de mulheres com CNH “D” tem aumentado nos últimos anos, uma vez que hoje é muito comum encontrar mulheres que conduzem ônibus urbanos e vans escolares. Diferentemente dos dados encontrado nas categorias “C e E”, que são para conduzir caminhões e carretas, mesmo que esses números sejam bem inferiores, hoje eles já mostram que assim como Galega, outras mulheres transgridem e ocupam essas profissões, outrora tidas como profissões de homens.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo que as mulheres conquistem o seu espaço na esfera pública, ainda se faz necessário problematizar a divisão sexual do trabalho, uma vez que a construção do fator biológico feminino deixou marcas indeléveis na construção social, principalmente no que tange à questão do trabalho feminino.

Por mais que as mulheres tenham conquistado os espaços públicos, a construção binária francesa, do século XVIII, da divisão sexual do trabalho, nas ocupações de homens nos espaços público e mulheres nos espaços privados, em pleno século XXI, no Brasil, ainda continua permeando os discursos machista<sup>2</sup> e burguês<sup>3</sup>. Esses discursos são carregados de argumentos construídos em torno do biológico, e faz com que a segregação ocupacional reflita nas oportunidades de emprego que se apresentam para a mulher no mercado de trabalho.

Ainda que para as mulheres de classes mais elevadas as esferas públicas e privadas foram construídas de forma separada, para mulheres de classes baixa, esses espaços se completam, visto que muitas atividades econômicas que são finalizadas nos espaços públicos, se iniciam no âmbito privado e/ou vice-versa.

Podemos concluir que as Tecnologias de gênero, tais como a produção cinematográfica, vêm inspirando as mulheres a transgredir e romper com esse discurso heteronormativo imposto ao trabalho feminino. As histórias de vidas de um pequeno grupo de mulheres que trocaram a cozinha pela boleia do caminhão, tenha influenciado Gabriel Mascaro a escrever o roteiro do filme *Boi Neon* e contar a história de Galega. Hoje, estudar gênero nos ajuda a pensar como pode ser concebido o trabalho feminino por intermédio da inclusão e da equidade de gênero. Faz com que um algum dia, elas tenham suas próprias carreiras, filhos, sobrenomes - sem depender das relações sociais impostas outrora.

### Referências

AZEVEDO, Paula Tatiane de. Cinema. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (Org). *Dicionário Crítico de gênero*. Dourados. Ed. UFGD, 2015.

BRUSCHINI, Maria Cristina A.; ROSEMBERG, Fúlvia. A Mulher e o trabalho. In: \_\_\_\_\_ (Org). *Trabalhadoras do Brasil*. Taubaté: Brasiliense, 1982.

COLLING, Ana Maria. *Tempos diferentes, discursos iguais: A construção do corpo feminino da história*. Dourados: Ed. UFGD, 2014.

DE CARLI, Ana Mery Sehbe. *O corpo no cinema: Variações do feminino*. Caxias do Sula: Edusc, 2009.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações de sexo. In: HIRATA, Helena (Org). *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In. HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.) *Tendências e Impasses – o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LYPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

MATOS, Maria Izilda; Borelli, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Maria Joana. *Nova História das mulheres no Brasil*. 1.ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

LINHARES, Juliana. *Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”*. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/> Acesso em: 01 de agosto de 2017

PERROT, Michelle. Figuras e Papeis. In: \_\_\_\_\_. *História da vida privada 4: Da Revolução Francesa a Primeira Guerra*. Tradução de Bernardo Joffily. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e Sexualidade. In: PRIORE, Mary Del. *História das mulheres no Brasil*. 10.ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

RIBEIRO, Djamila. *Bela, recatada e do lar: matéria da 'Veja' é tão 1792*. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bela-recatada-e-do-lar-materia-da-veja-e-tao-1792> Acesso em: 01 de agosto de 2017

*BOI NEON*. Direção de Gabriel Mascaro. Produção Brasil, Uruguai e Holanda, 2015. DVD.

Artigo recebido em 5 de março de 2018

Aceito para publicação em 10 de outubro de 2019

---

<sup>1</sup> Segundo a autora define essa categoria corpos emergente, inquieto ansioso, com preocupações existenciais, é ótima em representar verdades humanas. As atrizes não são as gostosas, mas as verdadeiras atrizes, para quem atuar é a própria recompensa. [...] Todos eles que abordam as modificações na vida da mulher pós-feminista. (DE CARLI, 2009, p. 79-161)

<sup>2</sup> *Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”*: A quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice.

“Bacharel em direito sem nunca ter exercido a profissão, Marcela comporta em seu *curriculum vitae* um curto período de trabalho como recepcionista e dois concursos de miss no interior de São Paulo (representando Campinas e Paulínia, esta sua cidade natal). Em ambos, ficou em segundo lugar. Marcela é uma vice-primeira-dama do lar. Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma também (nas últimas três semanas, foi duas vezes à dermatologista tratar da pele)”. <http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>.

<sup>3</sup> *Bela, recatada e do lar: matéria da 'Veja' é tão 1792*. A intenção é enaltecer Marcela Temer como a mulher que todas deveriam ser, à sombra, nunca à frente.

<https://www.cartacapital.com.br/politica/bela-recatada-e-do-lar-materia-da-veja-e-tao-1792>